

Franco atribui crise na Ásia à falta de democracia

Para o presidente do BC, região passa pelo mesmo processo da AL após crise mundial de 1982

NELSON BREVE
e VÂNIA CRISTINO

BRASÍLIA — O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse ontem que os problemas econômicos enfrentados pelos países asiáticos estão relacionados à falta de democracia. Na avaliação dele, esses países terão de passar pelo mesmo processo de redemocratização que o Brasil e outros países da América Latina passaram após a crise mundial de 1982.

“Estamos vivendo o mesmo processo de 82, só que ao contrário”, disse Franco, lembrando que os países latino-americanos passaram por um período de reformas, crises e turbulências, naquela época, enquanto os asiáticos iniciavam um ciclo prolongado de crescimento. “Agora, talvez, seja o contrário, a América Latina, que trabalhou tanto para se reformar e se modernizar talvez esteja no limiar de um processo de crescimento sustentável, enquanto os países asiáticos, talvez, tenham de lidar com seus próprios problemas, principalmente a relação Estado-setor privado, a falta de transparência, de democracia e de imprensa livre, coisa que o Brasil sofreu muito para obter”, analisou Franco.

O presidente do Banco Central acredita, no entanto, que a crise asiática será resolvida aos poucos. “Vejo o futuro com otimismo”, declarou, observando que a equipe econômica estará vigilante em relação a qualquer turbulência internacional.

Franco disse que não acredita em um novo ataque especulativo contra o real, conforme previu o economista Albert Fishlow, em entrevista ao *Estado*. Para o presidente do BC, as declarações de Fishlow foram “apimentadas”. Gustavo Franco considera que as circunstâncias que provocaram o ataque ao real em outubro não devem se repetir, porque não haveria mais dúvida sobre a capacidade do Brasil tomar decisões rápidas para responder às turbulências internacionais. “Essa dúvida, hoje, está sanada e isso faz com que melhore a percepção internacional em relação ao Brasil”, avaliou, lembrando que as reformas não dizem respeito apenas ao governo e ao Congresso. “Não devemos ter uma visão reduzida das reformas; no Brasil, estamos tendo um aumento de produtividade que é a própria expressão das reformas”, considera o presidente do BC.

Ele observa, no entanto, que as condições para um ataque especulativo são determinadas por questões internas e não externas. “O ataque ocorrerá se o Brasil não for capaz de resolver seus problemas, enfrentar suas verdades; um ataque tem a ver com as nossas próprias fraquezas”, argumentou Franco, avisando que o BC está preparado para enfrentar qualquer tentativa. “Não vamos deixar que aconteça, mas, se acontecer, não deixaremos que seja bem sucedido”, afirmou, esquivando-se de antecipar quais medidas poderiam ser usadas para a defesa do real. “Cada situação requer uma receita diferente, vamos fazer o que tiver que ser feito.”



José Paulo Lacerda/AE

Franco: América Latina está no limiar de processo de crescimento sustentável